

A prosa de ficção na Impressão Régia do Rio de Janeiro

Simone Cristina Mendonça de Souza (Unicamp/Fapesp)¹

Resumo

O início do século XIX foi marcado por fatos que se revelariam essenciais para o desenvolvimento econômico e cultural do Brasil, como a chegada de D. João e sua Corte e a fundação da Impressão Régia do Rio de Janeiro, em 1808. Apesar do caráter oficial, a legislação da casa impressora permitia a publicação de obras diversas, desde que em concordância com a censura, o que cedeu espaço para os luso-brasileiros interessados em dar à luz composições e traduções de obras de Belas-Letras. Assim, a partir de 1810, foram impressos livros em prosa de ficção, que passaram a dividir espaço com os livros importados que já chegavam aos livreiros estabelecidos na América portuguesa. O estudo desses livros, que venho desenvolvendo em minha tese, com os recursos da FAPESP, acrescenta dados para compreensão da circulação de narrativas ficcionais no Brasil nesse período.

Introdução

Nos primeiros anos do século XIX, já encontramos fatos históricos de grande importância para o desenvolvimento econômico e cultural do Brasil. Com a chegada de D. João e sua Corte, em 1808, muitas providências foram tomadas nesse sentido, dentre as quais destacamos a fundação da Impressão Régia do Rio de Janeiro, no mesmo ano. Logo no decreto de sua fundação, a legislação da primeira casa impressora legalmente estabelecida na América portuguesa permitia a impressão de “quaesquer” obras². Assim, além de divulgar as decisões do Príncipe Regente, a Impressão Régia possibilitou a publicação de muitas composições e traduções de diversos livros, inclusive de Belas-Letras.

A partir de 1810, a casa também imprimiu livros em prosa de ficção, em sua maioria traduzidos, que passaram a dividir espaço com os importados. Nesse período, a prosa de ficção já era um gênero que havia conquistado o gosto dos leitores habitantes do Rio de Janeiro. Entre os pedidos de licença para importar livros da metrópole para a América portuguesa, em nome de livreiros e de particulares, a pesquisadora Márcia Abreu verificou que as narrativas ficcionais representavam 55% das obras mais pedidas, de 1769 a 1807³.

No conjunto de produções da primeira casa impressora, encontram-se algumas reedições de títulos já publicados em sua congênere lisboeta. A Impressão Régia de Lisboa, em atividade a partir de 1768, também publicou narrativas ficcionais, contribuindo para a divulgação do gênero, desde o período setecentista⁴. Por outro lado, há títulos publicados inicialmente no Rio de Janeiro, como as *Aventuras pasmosas do célebre barão de Munkausen*, cuja primeira tradução em Língua Portuguesa foi feita por um habitante de cidade. Finalmente, há muitos casos de livros que se acreditava terem sido publicados na Impressão Régia do Rio de Janeiro e que, na verdade, foram feitos em Lisboa.

Nesse trabalho, intentamos mostrar as dificuldades de delimitação dos títulos de narrativas ficcionais efetivamente publicadas pela Impressão Régia do Rio de Janeiro e de localização dos mesmos. A partir da leitura dos exemplares localizados, procuramos comentar algumas dessas obras, do ponto de vista material e textual.

1. Publicações da Impressão Régia do Rio de Janeiro: fontes e controvérsias

Os títulos das obras publicadas pela Impressão Régia do Rio de Janeiro foram catalogados no final do século XIX, pelo então diretor da Imprensa Nacional e criador da seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, Alfredo do Valle Cabral, em seus *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro 1808 a 1822*⁵.

Entretanto, quando da publicação desse catálogo, a localização de todos os exemplares impressos na Impressão Régia já não era possível. A falta de um arquivo bibliográfico com a produção dessa casa impressora, fez com que Valle Cabral, para os títulos não localizados, se valesse dos registros da Biblioteca e dos anúncios de venda publicados na *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro periódico impresso no Brasil⁶. Esse periódico, também publicado pela Impressão Régia do Rio de Janeiro, teve seu primeiro número impresso em 1808 e circulou até 1822.

O método de catalogação de Valle Cabral parecia justificável porque os livros recém-publicados vinham anunciados na *Gazeta* precedidos pelas informações "Sahio á luz" ou "Sahiram á luz" e tais informações, no entender do diretor, poderiam confirmar que as obras oferecidas pelos livreiros atuantes no Rio de Janeiro fossem impressas na única casa editora disponível na Corte naquele momento. De acordo com o autor, a produção editorial da Impressão Régia do Rio de Janeiro, somaria 1.243 títulos de obras diversas, por ele catalogados. Desse total, interessa-nos os que sugerem que se tratam de publicações em prosa de ficção, quais sejam: *O diabo coxo, verdades sonhadas e novellas de outra vida traduzidas a esta* (tomos I e II, 1810); *A filosofa por amor, ou cartas de dous amantes apaixonados e virtuosos* (tomo I, 1810 e tomo II, 1811); *Cartas de huma peruviana, traduzidas do francez na lingua portugueza por huma senhora* (tomos I e II, 1811); *A Choupana Índia, escripta em francez pelo autor de Paulo e Virgínia (o abbade de Saint-Pierre), e vertida em portuguez* (1811); *Historia de dois amantes ou o templo de Jatab* (1811); *Paulo e Virgínia: Historia fundada em factos traduzida em vulgar* (tomos I e II, 1811); *Aventuras pasmosas do celebre Barão Munkausen que contém hum resumo de viagens, campanhas, jornadas e aventuras extraordinárias igualmente a descripção de huma viagem á Lua e Canícula* (1814); *O amor offendido, e vingado* (1815); *A boa mãe* (1815); *O bom marido* (1815); *O castigo da prostituição* (1815); *As duas desafortunadas* (1815); *Historia da donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura, e sabedoria* (1815); *História verdadeira da princeza Magalona, filha delrei de Napoles, e do nobre, e valeroso cavalleiro Pierres Pedro de Proença, e dos muitos trabalhos, e adversidades que passárão, sendo sempre constantes na fé, e virtudes; e como depois reinarão, e acabárão a sua vida virtuosamente no serviço de Deus* (1815); *A infidelidade vingada* (1815); *A má mãe* (1815); *Triste effeito de huma infidelidade* (1815); *Amante militar* (1816); *O amigo traidor* (1816); *A cadelinha pelo author do Piolho Viajante* (1816); *Combate das paixões* (1816); *Lausus e Lydia* (1816); *Metusko, ou os Polacos* (1816); *Recreio domestico, ou Ramallete de novellas, historias, contos, &c.* (1816); *Aventuras galantes de dois fidalgos estudantes, ou a historia admiravel da famosa Cornelia* (1818); *Leituras para os meninos, contendo huma collecção de Historias Moraes relativas aos defeitos ordinarios ás idades tenras, e hum dialogo sobre a Geografia, Chronologia, Historia de Portugal, e Historia Natural* (1818); *Receita para melancolicos, ou descripção do Reino do Amor* (1818); *Carta escrita pela Senhora de *** residente em Constantinopla a huma sua Amiga, em que trata das mulheres Turcas, do seu modo de viver, divertimentos, vestidos, maneira de tratar os maridos, &c.* (1819); *Leituras para os Meninos contendo hum silabario completo, huma colecção de agradáveis historietas próprias á primeira idade, e hum Dialogo sobre Geografia, Chronologia, Historia de Portugal, e Historia natural ao alcance dos meninos* (1821) e *Leituras para os meninos* (1822)⁷.

A historiadora Maria Beatriz Nizza da Silva⁸ empreendeu o primeiro trabalho de análise das narrativas ficcionais publicadas pela Impressão Régia do Rio de Janeiro, mas questionou o método de catalogação de Alfredo do Valle Cabral, alegando que muitas das obras anunciadas na *Gazeta do Rio de Janeiro*, embora oferecidas por comerciantes do Rio de Janeiro, poderiam ser importadas, impressas em Portugal. Em suas análises, Nizza da Silva restringiu o conjunto de livros em prosa de ficção produzidos pela Impressão Régia do Rio de Janeiro a apenas quatro, aqueles que pôde consultar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: *O castigo da prostituição*; *As duas desafortunadas*; *Historia da donzella Theodora* e *Triste effeito de huma infidelidade*.

Em 1993, Ana Maria de Almeida Camargo e Rubens Borba de Moraes, admiradores de Alfredo do Valle Cabral e desejosos de completar algumas lacunas do estudo precursor, elaboraram uma edição corrigida e ampliada dos *Annaes da Imprensa Nacional* e confeccionaram uma *Bibliografia da Impressão Régia*⁹, prosseguindo, entretanto, no mesmo método e adicionando outro periódico para a consulta aos anúncios, o *Diário do Rio de Janeiro*. Esses autores ampliaram para 1.429 o número de obras diversas que acreditavam terem saído dos prelos da Impressão Régia do Rio de Janeiro¹⁰. Para esses autores, se manteriam os títulos em prosa de ficção citados por Valle Cabral e se acrescentariam os seguintes: *Renato, Epizodio do Genio do Christianismo, e as Aventuras de Aristonoo* (1821); *Cartas americanas* (1822); *Cartas familiares amorozas, e ternas de huma amante a seu apaixonado* (1822); *O diabo coxo* (1822); *A Farofia, ou loucura dos Casamentos por hum Ratazana* (1822); *Perigos descobertos* (1822).

Alguns anos depois, outra historiadora interessou-se pela análise dos livros em prosa de ficção publicados no Rio de Janeiro. Maria Lígia Coelho Prado, em seu livro *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*, debruçou-se sobre 9 das narrativas ficcionais com local de publicação atribuído à Impressão Régia do Rio de Janeiro¹¹. A autora teceu comentários sobre os 4 títulos constantes do acervo da Biblioteca Nacional, retomando o estudo de Maria Beatriz Nizza da Silva; acrescentou algumas raridades pertencentes ao bibliófilo José Mindlin – *Historia de dois amantes ou o Templo de Jatab*, *O diabo coxo* e *Paulo e Virginia* – e, ainda, apresentou dois romances cujas edições não foram feitas nem pela Impressão Régia do Rio de Janeiro, nem pela de Lisboa, consultando os originais em francês – *A choupana índia* (acervo de José Mindlin) e *Cartas de huma peruviana* (Biblioteca Mário de Andrade/SP).

A partir da localização da maioria dos livros em prosa de ficção com publicação atribuída à Impressão Régia do Rio de Janeiro por Valle Cabral, Camargo e Moraes, percebemos que grande parte deles havia mesmo sido impressa em Lisboa. Porém, com a consulta dos mesmos, pudemos delimitar quais haviam sido publicados no Rio de Janeiro, a partir das informações dos seus frontispícios. O conjunto de romances publicados no Rio de Janeiro entre 1808 e 1822¹², então, ficou definido em 9 títulos, como segue: *O diabo coxo* (1810); *A filosofa por amor ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos* (1811); *Historia de dois amantes ou o templo de Jatab* (1811); *Paulo e Virgínia historia fundada em factos* (1811); *Aventuras Pasmosas do celebre Barão de Munhausen* (1814); *Historia da donzella Theodora* (1815); *Triste effeito de huma infidelidade* (1815); *O castigo da prostituição* (1815) e *As duas desafortunadas* (1815). A leitura desses livros nos proporcionou um conhecimento maior sobre que tipo de narrativas ficcionais foram publicadas pela Impressão Régia do Rio de Janeiro. Vejamos, no próximo item, como eram essas narrativas.

2. Impressão de prosa ficção na América portuguesa

As narrativas ficcionais publicadas pela Impressão Régia do Rio de Janeiro diferem na materialidade em que foram compostas, no trato das personagens, nos temas que abordavam e na maneira como o fizeram. Algumas delas foram publicadas em dois volumes, como *O diabo coxo*, enquanto outras se limitaram a poucas páginas, tais como os chamados “Contos moraes”. Entre os contos, destacamos *As duas desafortunadas*, de Fañçois Marmontel (1723-1799), publicado

originalmente na França, entre os anos de 1761 e 1771, juntamente com outras histórias da coletânea *Contes Moraux*, e impresso como folheto avulso no Rio de Janeiro¹³. Dentre os títulos publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro, há casos de impressões em número reduzido de páginas, mas que não são compostas por um segmento de outro livro, como o folheto de sucesso em Portugal, *História da Donzella Theodora. Em que se trata de sua grande formosura, e sabedoria*¹⁴, que, apesar de curto, traz uma história integral, com divisão do texto em capítulos, didascálias no início de cada um e ilustrações, no terceiro deles.

A apresentação das personagens, também difere de livro para livro, variando desde uma caracterização bastante detalhada, física e psicológica no caso de *Paulo e Virgínia*, até uma mera menção, com poucas descrições, como ocorre com as personagens que compõem a narrativa *Triste efeito de huma infidelidade*, as quais sequer recebem nomes e são tratadas apenas pela profissão (um padre, uma aia, um mosqueteiro, um soldado).

A mesma variação pode ser notada quanto à descrição dos locais onde se passam os enredos, que, se em alguns casos são pouco mencionados, com informações imprecisas e sucintas, em outros merecem grande dedicação do narrador, como no da paisagem tropical da ilha em que habitavam Paulo e Virgínia:

[Paulo] hia aos bosques visinhos desarraigar limoeiros, laranjeiras, tamarinhos ainda novos, cuja copa he de hum verde tão bello, e palmeiras, cuja fructa he cheia de huma nata substancial, e assucarada, que tem o perfume da flor de laranjeira. Plantava estas arvores já crescidas á roda deste recinto. Nelle tinha semeado sementes de arvores, que já ao segundo anno davão flores, ou fructas, taes como a agathis, da qual pendião em roda, como os cristaes de hum lustre longos caxos de flores brancas; o alfeneiro da Persia, que eleva direito ao ar suas girandolas rôxas; a papaya, cujo tronco sem ramos fórma huma columna ouriçada de melões verdes, e tem hum capitel de largas folhas semelhantes ás da figueira¹⁵.

Essas descrições mais detalhadas de personagens e ambientes, notadas em algumas das narrativas ficcionais publicadas pela Impressão Régia do Rio de Janeiro, nos fazem retomar as teorias de Ian Watt sobre a principal marca distintiva do romance moderno inglês setecentista: a capacidade de retratar o cotidiano, a partir de técnicas descritivas, definidas pelo autor como “realismo formal”, tais como a pintura dos locais e a caracterização das personagens. O autor exemplifica suas considerações com textos de romancistas como Defoe e Richardson, que apresentaram personagens individualizadas, em situações e lugares específicos, com nomes próprios e particularidades, ambientados em cenários descritos com detalhes¹⁶.

Assim como nos enredos, nos textos introdutórios que antecedem três dessas narrativas percebe-se um esforço para a criação de uma atmosfera de verdade, pois os narradores apresentam as histórias como fatos reais. Isso ocorre em *Paulo e Virgínia*, história que, segundo o autor do prefácio, poderia ser confirmada com alguns dos habitantes da ilha onde moravam os protagonistas; e em *A filósofa por amor*, narrativa epistolar, cujas cartas dos personagens da trama teriam sido organizadas por um deles e pessoalmente entregues ao autor do prólogo. Esse esforço reflete outra característica do romance moderno inglês do século XVIII, a apresentação dos mesmos, por parte de seus autores, como fatos realmente ocorridos, em defesa do gênero, criticado, entre outras coisas, por oferecer aos leitores mentiras corruptoras¹⁷. A estratégia dos romancistas ingleses ganhou tamanha força e foi tão copiada que o narrador das *Aventuras pasmosas*, provavelmente no intuito de caçoar dessa prática, também afirmava que todos os feitos do barão de Munkausen eram verdadeiros, fornecendo, inclusive, confusos dados históricos e geográficos para confirmação.

Na mesma linha de diálogo com estratégias de construção e de defesa do romance moderno utilizadas por autores ingleses e franceses, é possível localizar nas narrativas da Impressão Régia do Rio de Janeiro, tentativas de valorização da moral, ainda que nem sempre bem sucedidas. Sobre tudo se considerarmos o conceito de virtude desenvolvido por Michael Mckeen¹⁸, que, a partir de uma

análise do gênero romance no século XVIII, acompanhada de um contexto histórico do desenvolvimento da burguesia, em ascensão na Inglaterra no mesmo período, considerou que o romance propunha novas concepções de virtude e de verdade, questionando valores aristocráticos. Para o autor, a virtude, antes carregada de um tom hierárquico, com significado de honra ou nobreza familiar, passou a ser considerada como um adjetivo pessoal, de valor moral, que designaria um sujeito de bom caráter.

Esse conceito é tratado com maior desenvolvimento em *A filósofa por amor ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos*, que, em resumo, conta a história de Adelaida, uma estudante, filha de pais muito ricos, que se apaixonou por Durval, um homem sem títulos de nobreza, filho de lavradores. Mas a falta desses títulos ou de uma genealogia de prestígio não impedia a jovem rica de perceber no caráter de seu amante qualidades pessoais para ela mais valiosas: “Convence-te, jovem adorável, ainda que mui tímido, que para merecer a tua Adelaida bastão as tuas virtudes”¹⁹.

Todavia, curiosamente, conseguiram ser publicados, pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro, alguns livros que poderiam ter sido interditados, pois traziam conteúdos duvidosos do ponto de vista da moral. Um caso em que isso se torna mais visível é o de *História de dois amantes, ou o templo de Jatab*, texto no qual o protagonista Dely se apaixona por Zulima e se vê em dificuldades, pois a jovem precisava se entregar virgem a um dos ministros do templo do profeta Jatab, como parte de um ritual de purificação, previsto em sua religião. Ao final da história, eles se mudaram para Constantinopla, onde o comprador de escravas teria que manter Zulima trancada em casa, pois a religião dela também previa que todas as mulheres prestassem favores sexuais a qualquer homem. Curiosamente, os comportamentos das personagens dessa narrativa foram expostos aos leitores, apesar da censura.

Em outros títulos publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro há exemplos de episódios que na época poderiam ser considerados condenáveis, como o caso da jovem solteira que engravidou e, por isso, foi ameaçada de morte por seus irmãos. Essa cena aparece em *Triste efeito de huma infidelidade*, no qual um mosqueteiro se disponibilizou a ajudar a jovem grávida que fugia dos irmãos, mas não obteve sucesso, pois o pai da criança, após ter sido avisado do fato, se mostrou indiferente e, em consequência, a jovem se matou. Um outro exemplo de uma jovem que se entrega aos prazeres antes do casamento pode ser encontrado em *O castigo da prostituição*.

No entanto, pode-se dizer que a impressão desses títulos acompanhava a discussão européia sobre o uso da prosa de ficção com uma função moralizadora. Há que se admitir que alguns dos desfechos podem apontar para uma aparente valorização da moral, pois, no final das histórias, apresentam arrependimentos e castigos, como no caso da prostituta de *O castigo da prostituição* que, arrependida e castigada pela enfermidade, advertiu as donzelas quanto aos perigos do caminho oposto ao do matrimônio. Esses desfechos estão em sintonia com as idéias dos defensores do gênero, que diziam que um final como esse, com arrependimento da personagem que se comportou de maneira duvidosa e com a punição dos vícios, dava ao texto um efeito de moralização.

O caso de *História de dois amantes* é, certamente, o mais curioso em relação à aprovação no quesito moral, pois nem mesmo no final as personagens foram punidas por seus comportamentos. Porém outros desfechos de romances podem ser tomados como duvidosos. Que dizer, por exemplo, da jovem grávida de *Triste efeito de huma infidelidade*, que, ainda que tomada pelos sentimentos de culpa e arrependimento, pecou duplamente ao suicidar-se, matando também ao filho que esperava em gestação? Um desfecho como esse, com uma auto punição que culmina num pecado, caso desencadeasse polêmicas entre defensores e detratores do gênero romance, seria difícil de ser justificado pelo viés da moral.

Outro tema presente no conjunto analisado é a crítica social, mais visível em *O diabo coxo*, história na qual o diabo Asmodeu, retirando os telhados das casas, revela ao estudante Leandro o

que se passa com os habitantes das mesmas, criticando comportamentos e alertando contra valores aristocráticos, como o enaltecimento da aparência²⁰.

Conclusão

Neste trabalho, tentamos mostrar a heterogeneidade do conjunto de livros em prosa de ficção publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro e também alguns pontos comuns para uma parte dos títulos. Embora de materialidade e conteúdo diversos, as narrativas publicadas na América portuguesa até 1822 refletem características dos romances que circulavam na Europa no século XVIII e repetem estratégias utilizadas pelos romancistas no intuito de afirmar o gênero.

Raras e de localização trabalhosa, essas narrativas são atualmente pouco lembradas ou mesmo totalmente desconhecidas. Entretanto, têm sua importância nos estudos sobre a circulação de livros no período colonial e em anos posteriores e, certamente, fizeram parte da formação do gosto do público oitocentista por livros do gênero, num momento inicial de publicação no Brasil, porém de leitura e comercialização em expansão. Além disso, permaneceram no imaginário dos leitores e dos autores de prosa de ficção por quase todo o século XIX. *Paulo e Virgínia*, por exemplo, foi citado por José de Alencar, no romance *Lucíola*, de 1862; e por Machado de Assis, em *Helena*, de 1876²¹.

Referências Bibliográficas

Ficção:

[autor desconhecido] *O castigo da prostituição*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1815.

[autor desconhecido] *A filósofa por amor ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811.

[autor desconhecido] *Historia da donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura, e sabedoria*. Trad. Carlos Ferreira Lisbonense. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1815.

[autor desconhecido] *Triste efeito de huma infidelidade*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1815.

D'AUCOUR, Claude Godard. *História de dois Amantes ou o Templo de Jatab*. Trad. José Pedro de Souza Azevedo. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811.

LE SAGE, Alain-René. *O diabo coxo verdades sonhadas e novellas de outra vida traduzidas a esta*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1810.

MARMONTEL, Jean François. *As duas desafortunadas*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1815.

RASPE, Erich Rudolf. *Aventuras pasmosas do célebre barão de Munkausen. Que contém hum resumo de viagens, campanhas, jornadas e aventuras extraordinárias igualmente a descrição de huma viagem á Lua e Canícula*. Trad. André Jacob. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1814.

SAINT-PIERRE, Bernardin de. *Paulo e Virgínia. História fundada em factos*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811.

Textos teóricos e fontes primárias:

ABREU, Márcia Azevedo de. *Os caminhos dos Livros*. Campinas. SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003.

_____. "Impressão Régia do Rio de Janeiro: novas perspectivas". *Revista Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, nº 21, 199-222, 2005.

CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida, MORAES, Rubens Borba. *Bibliografia da Imprensa Régia*. São Paulo: EDUSP, Livraria Kosmos Editora, 1993.

CANAVARRO, Pedro (Coord). *Imprensa Nacional. Actividade de uma casa impressora*. Vol. I 1768-1800. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1975.

CANDIDO, Antonio. “A timidez do romance” in *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Bertrand do Brasil. 1990.

Diário do Rio de Janeiro. MEC – SEAC plano nacional de microfilmagem de periódicos Brasileiros – Fundação Casa de Rui Barbosa Rio de Janeiro.

Gazeta do Rio de Janeiro (1808-1822). Microfilme. MEC - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Brasil – Serviço de Reprografia. (disponível no AEL – Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp).

MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan. *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Departamento de Estudos Portugueses/Universidade Nova de Lisboa, 2001.

MCKEON, Michael. “Generic Transformation and Social Changes: Rethinking the Rise of Novel”. in DAMRASCH Jr., Leopold. *Modern Essays on Eighteenth Century Literature*. New York: Oxford University Press, 1998.

PRADO, Maria Lúcia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp-Edusc, 1999.

RODRIGUES, A. A. Gonçalves. *A tradução em Portugal: tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa, excluindo o Brasil, de 1495 a 1959*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo, SP: Com. Ed. Nacional, 1977.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2002.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

_____. *A formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. Vol. 1. Tese de Livre Docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP. São Paulo, SP: FFLCH/USP, 2000.

VILLALTA, Luiz Carlos. “Censura literária e inventividade dos leitores no Brasil Colonial” in CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). *Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo / Imprensa Oficial do Estado / FAPESP, 2002.

_____. “A sociedade como um teatro: Relações Perigosas, de Canderlos Laclos”. Texto apresentado no **X Congresso Internacional da Abralic**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 31 de julho a 4 de agosto de 2006. [o texto pode ser consultado no site www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br].

1 Simone Cristina Mendonça de SOUZA. Graduada em Letras pela Unicamp, estudante de Doutorado pela mesma instituição, onde desenvolve a tese “Primeiras impressões: romances publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)”, sob orientação da Professora Márcia Abreu e contando com os recursos da Fapesp.

(Unicamp)

simonecristinamendoncadesouza@gmail.com

2 O decreto pode ser lido na íntegra no site do Projeto “Memória de Leitura”: www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporl/Historia/index.htm, consultado em 19/06/2007. Informamos que para todas as transcrições de documentos, citações de escritos mais antigos e cópias de anúncios de periódicos, serão respeitadas a ortografia e a pontuação constantes nas fontes primárias.

3 ABREU, Márcia Azevedo de. *Os caminhos dos Livros*. Campinas. SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2003. p. 131.

4 No século XVIII, a Impressão Régia de Lisboa publicou os seguintes livros em prosa de ficção: *Aventuras de Diófanes*, de Teresa Margarida da Silva Horta, em 1777; *O feliz independente do mundo e da fortuna*, de Teodoro de Almeida, em 1780; e, a tradução *História de Gil Braz de Santilhana*, feita por Luís Caetano de Campos, em 1799. Cf. CANAVARRO, Pedro (Coord). *Imprensa Nacional. Actividade de uma casa impressora*. Vol. I 1768-1800. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1975.

5 CABRAL, Alfredo do Valle. *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro 1808 a 1822*. Typographia Nacional, 1881.

6 *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822). Microfilme. MEC - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Brasil – Serviço de Reprografia. (disponível no AEL – Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp). Outros periódicos foram publicados ainda no período colonial, como *O Patriota: jornal literário, político, mercantil*, lançado em 1813 [disponível no Acervo do IEB - Instituto de Estudos Brasileiros, USP]; e o *Diário do Rio de Janeiro*, cujo primeiro número data de 01/06/1821 [MEC – SEAC plano nacional de microfilmagem de periódicos Brasileiros – Fundação Casa de Rui Barbosa Rio de Janeiro. (disponível no AEL – Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp)].

7 Todas essas obras foram digitalizadas ou tiveram seus textos digitados e estão disponíveis para consulta no site do projeto “Caminhos do romance no Brasil séc. XIII e XIX”: <www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>

8 SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo, SP: Com. Ed. Nacional, 1977. pp. 197-214.

9 CAMARGO, Ana Maria de Almeida, MORAES, Rubens Borba. *Bibliografia da Impressão Régia*. São Paulo: EDUSP, Livraria Kosmos Editora, 1993, 2. Vol.

10 Para os números de publicações da Impressão Régia do Rio de Janeiro, consultei: CAMARGO, Ana Maria de Almeida “Dos Annaes da Imprensa Nacional à Bibliografia da Impressão Régia” in CAMARGO, Ana Maria de Almeida. & MORAES, Rubens Borba de. *Op. cit.* p. XV. Demais dados referentes à sua produção editorial são informados com base em: CABRAL, Alfredo do Valle. *Op. cit.*; SCHWARCZ, Lilia. *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2002. p. 249; e ABREU, Márcia. “Impressão Régia do Rio de Janeiro: novas perspectivas”. in *Revista Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, nº 21, 2005.

11 PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: Edusp-Edusc, 1999.

12 Havia a possibilidade de também considerarmos a *Carta de Heloaze a Abailardo*, publicada pela Impressão Régia do Rio de Janeiro, conforme indica sua folha de rosto, como uma impressão em prosa de ficção. Porém, a história editorial desse título nos fez perceber que isso seria inviável, pois, além da falta de um enredo, trata-se de uma tradução em prosa do poema *Eloisa to Abelard*, de Alexander Pope (1688-1744), o qual, por sua vez, inspirou-se nas célebres cartas da história de Heloisa e Abelardo, do século XII.

13 MARMONTEL, Jean François. *Contes moraux*. Elibron Classics, 2005. Fac-símile da edição de Paris: Jean-Edme Dufour & Philippe Roux, 1783.

14 Esse livro foi publicado em Portugal nos anos de 1712, 1735, 1741, 1745, 1755, 1758, 1783 e 1822. Cf. RODRIGUES, A. A. Gonçalves. *A tradução em Portugal: tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa, excluindo o Brasil, de 1495 a 1959*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992.

15 SAINT PIERRE, Bernardin de. *Paulo e Virgínia. História fundada em factos*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811. pp. 50-51.

16 Cf. WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1990. pp. 15-22.

17 Para maiores esclarecimentos sobre as discussões entre detratores e defensores do romance no século XVIII, ver: CANDIDO, Antonio. “A timidez do romance” in *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *A formação do romance inglês*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2007; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002; e ABREU, Márcia, 2003. *Op. cit.*

18 Cf. MCKEON, Michael. "Generic Transformation and Social Changes: Rethinking the Rise of Novel". in DAMRASCH Jr., Leopold. *Modern Essays on Eighteenth Century Literature*. New York: Oxford University Press, 1998. pp. 159-180.

19 *A filósofa por amor ou cartas de dois amantes apaixonados e virtuosos*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811. Tomo I, p. 14. Tomo I, p. 15.

20 Para maiores informações sobre aristocracia setecentista e valorização da aparência, ver SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; VILLALTA, Luiz Carlos. "A sociedade como um teatro: Relações Perigosas, de Canderlos Laclos". Texto apresentado no **X Congresso Internacional da Abralic**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 31 de julho a 4 de agosto de 2006. [o texto pode ser consultado no site www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br].

21 ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 1983, pp. 97-8. 1ª ed. 1862; e MACHADO DE ASSIS. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1985. Vol. I, p. 293. (Agradeço à Marta Cavalcante de Barros pela lembrança dos títulos).